

## A PESQUISA-AÇÃO NA ESCOLA: UMA EXPERIÊNCIA COM FORMAÇÃO DE PEDAGOGOS PARA O LETRAMENTO\*

Telma Cristina Gomes da Silva\*\*

(Universidade Federal da Paraíba – UFPB – email: [profa.telma@gmail.com](mailto:profa.telma@gmail.com))

**Resumo:** Objetiva-se relata a experiência de uma professora pesquisadora com a intervenção pedagógica realizada com uma oficina direcionada a seis pedagogos atuantes em duas escolas municipais de João Pessoa – Paraíba. Essa oficina foi executada a pedido de um pesquisador como parte integrante da metodológica de um projeto de doutorado realizado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba. O propósito da pesquisa foi intervir pedagogicamente nas duas escolas acompanhadas pelo projeto objetivando expor os resultados no ambiente virtual de aprendizagem Edulivre compartilhando conhecimentos construídos entre a universidade e a escola. Nesse cenário, o objetivo da professora pesquisadora convidada foi colaborar com ações pedagógicas voltadas para o letramento escolar, tendo como sujeitos da oficina os educadores responsáveis por desenvolver o projeto nas escolas acompanhadas. A oficina foi ancorada na abordagem sociointeracionista por essa considera fundamental o processo de interação entre *professor-aluno* para a produção de saberes; e, por sua vez, este artigo ancora-se nos trabalhos de Bagno (2002) e Pietri (2007) no que diz respeito ao letramento escolar, Bakhtin/Volochínov ([1929] 2010) sobre a interação para a construção de saberes, entre outros estudiosos sobre a temática abordada. Os resultados com a intervenção pedagógica foram positivos, tendo em vista que os pedagogos vivenciaram uma situação de produção do conhecimento de maneira dinâmica, motivadora e lúdica aliada aos conteúdos da disciplina língua portuguesa. Concluímos, então, que a intervenção pedagógica proposta pelo projeto de pesquisa oportunizou não só oferecer aulas mais dinâmicas, motivadoras e produtivas para os alunos; mas também, e principalmente, permitiu que os pedagogos refletissem criticamente sobre suas práticas didáticas, identificando *os porquês* de seus objetivos pedagógicos não serem alcançados, e também da necessidade de mais flexibilidade, ludicidade e interação na aula viabilizando o processo de ensino-aprendizagem no ensino fundamental.

**Palavras-Chave:** Letramento Escolar, Formação do Professor, Pesquisa-ação.

### Introdução

Neste artigo, apresentamos o desenvolvimento de um trabalho voltado para o *letramento escolar* com a finalidade de atender as exigências de um projeto, em nível de doutorado, na área de Educação, a partir da realização de uma *oficina pedagógica* com pedagogos de duas escolas municipais de João Pessoa/PB. Essa oficina foi oferecida aos

---

\* Este trabalho resulta da intervenção pedagógica solicitada como parte integrante do projeto “*Múltiplas inteligências, criação e interatividade no ambiente virtual de aprendizagem Edulivre*” do pesquisador doutor Leônidas Leão Borges em cumprimento de seu doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba.

\*\* Pesquisadora colaboradora da Universidade Federal da Paraíba. Doutora em Linguística (PROLING/UFPB). Mestre em Letras (PPGL/UFPB). Graduada em Letras (DLCV/UFPB). Desenvolve pesquisas nas áreas de Linguística e Letras e de Educação, tendo como norteador teórico-metodológico os estudos Bakhtinianos aliados a estudos do letramento, inclusão social e outras teorias do discurso.

pedagogos como parte metodológica da *pesquisa-ação*<sup>1</sup> nas escolas acompanhadas pelo projeto de pesquisa, tendo como principal propósito capacitá-los para desenvolver o letramento escolar entre os alunos. A escolha do pedagogo como sujeito da oficina deve-se a consideramos a formação do educador fundamental para que mudanças significativas aconteçam dentro da escola, uma vez que esse sujeito é o disseminador do saber e o motivador da aprendizagem.

Porque esse sujeito é o responsável por elaborar, selecionar, organizar e utilizar os recursos favoráveis para o ensino-aprendizagem na escola, motivando seus alunos a aprenderem novas formas de comunicação, e também facilitando a aprendizagem. Sendo, assim, este trabalho se propõe a relatar a experiência pedagógica com a formação de educadores para o letramento escolar. Neste contexto, a oficina propôs um momento de reflexão da prática pedagógica com a leitura e a escrita na escola, objetivando o melhoramento da produção textual dos alunos e, conseqüentemente, subsidiar o ensino-aprendizagem de língua materna.

Como já citado, a oficina é uma das etapas metodológicas de um projeto de doutoramento em que a *pesquisa-ação*, isto é, a pesquisa de intervenção foi utilizada como método. Esse método tem como princípio o trabalho colaborativo entre participantes e pesquisadores, enfocando objetivos comuns; deste modo, a oficina surge como uma alternativa para auxiliar os pedagogos a elaborar aulas mais significativas para seus alunos, favorecendo o trabalho com o texto em sala de aula.

Sabemos que o ensino tradicional de língua materna é caracterizado por ser, predominantemente, normativo e conceitual, não permitindo assim que os alunos entrem em contato efetivo com a língua viva, isto é, a língua em uso. Procuramos, então, trabalhar com os educadores a partir de uma abordagem sociointeracionista, levando esses sujeitos a refletirem como a concepção de linguagem do professor influencia suas ações de linguagem – no caso, as orientações pedagógicas – e procedimentos metodológicos para o desenvolvimento da aula e, conseqüentemente, a aprendizagem de seus alunos.

Partindo desta abordagem, concebemos a linguagem como interação social, e, portanto, os sujeitos da comunicação são responsáveis pelas trocas de conhecimentos, e também pela construção de “novos” saberes. Na oficina, criamos condições para que os educadores pensassem uma “nova” forma de trabalhar com a leitura e a escrita em sala de

---

<sup>1</sup> Thiollent (1985, *apud*. GIL, 2009, p. 55), a *pesquisa-ação* é “um tipo de pesquisa de base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo” tendo os participantes e pesquisadores envolvidos cooperativamente para alcançar a solução.

aula, valorizando os textos que fazem parte do cotidiano, cultura e faixa etária dos alunos a exemplos dos gêneros textuais *cordel* e *música infantil*. Para tanto, sugerimos uma atividade aos participantes que se dividiram em dois grupos seguindo as orientações da professora pesquisadora para trabalhar os gêneros citados no que diz respeito a composição, o estilo e a função social, atribuindo sentidos para o letramento escolar.

Diante do exposto, objetivamos descrever os procedimentos adotados para a intervenção pedagógica. Para isto, este trabalho está dividido em duas partes, uma teórica e outra prática. Na primeira, refletimos a respeito da concepção sociointeracionista da linguagem; e, na segunda, explicitamos sobre o método utilizado para motivar o letramento escolar. Como aportes teóricos, utilizamos os estudos de Bagno (2002) e Pietri (2007) sobre a noção de letramento nas relações cotidianas; Bakhtin/Volochínov ([1929] 2010) sobre a interação verbal, entre outros estudiosos sobre a temática abordada.

## **1 A influência da concepção de linguagem no processo de ensino-aprendizagem de língua materna**

Para Travaglia (2002), toda a ação metodológica resulta de uma noção de mundo, e esta é articulada a um conceito epistemológico do objeto de estudo – em nosso caso a linguagem – pelo educador. Nesta óptica, esse sujeito deve refletir acerca da noção de linguagem adotada em sua prática de ensino objetivando identificar, compreender e solucionar os possíveis problemas associados à aprendizagem do aluno e, para tal, esse educador deve olhar criticamente para o próprio agir de linguagem como um aspecto determinante do ensino-aprendizagem no contexto escolar.

Acreditamos que uma reflexão no que se refere à prática pedagógica do educador é essencial para o exercício eficiente desse sujeito, e conseqüentemente, para o sucesso do aluno no contexto escolar. Por isto, é preciso considerar que o ensino de língua materna – como qualquer outra disciplina – resulta da concepção de linguagem do professor; e, por conseqüência, essa noção é responsável pelo agir desse sujeito em sala de aula. Neste trabalho, adotamos como teoria e prática a concepção de linguagem como postulada por Bakhtin/Volochínov ([1929] 2010) para quem a *linguagem é um lugar de interação verbal*.

De acordo com esses estudiosos, a *língua* apenas pode ser estudada a partir de seu contexto de uso, tendo as trocas de saberes entre sujeitos da interação como essenciais para a construção de saberes, ou seja, de aprendizado. Neste caso, a língua é vista em sua dinâmica de uso e seu ensino não deve se ocupar apenas de aspectos gramaticais, mas também

considerar um conjunto de fatores relacionados às diferentes esferas sociais bem como as particularidades das modalidades oral e escrita.

Por essa óptica interação entre *professor-aluno* torna-se um recurso pedagógico na sala de aula, fazendo o aluno passar de um sujeito passivo a um sujeito ativo no contexto escolar. Por consequência, o aluno ganha voz dentro da aula tornando-se fundamental para construção de saberes, seja de seus colegas, seja do professor. Adotar essa concepção sociointeracionista significa, então, assumir o papel de mediador do conhecimento, criando condições para os alunos interagirem entre eles, o texto, o professor em diferentes situações comunicação. Fazendo da sala de aula uma extensão do mundo, e, simultaneamente, ampliando essa noção de mundo a partir da construção colaborativa de “novos” conhecimentos.

Essa concepção de linguagem implica em alguns aspectos como considerar a heterogeneidade discursiva, ou seja, o professor passa a respeitar as variedades linguísticas existentes entre os alunos e, também, a compartilhar o conhecimento com eles, rompendo com atitudes autoritárias como ocorre com concepções estruturalistas da linguagem. Nestes termos, assumir uma postura sociointeracionista é uma atitude desafiadora para os educadores, e também uma enorme evolução no processo de ensino-aprendizagem uma vez que o professor dá voz a seus alunos.

Considerando esta perspectiva, a linguagem é concebida com *interação*, e, portanto, como “um componente do processo de comunicação, de significação, de construção de sentido e que faz parte de todo ato de linguagem.” (BRAIT, 1993, p. 194). Adotar essa concepção linguagem significa, então, considerar a sala de aula como um lugar de interação verbal, onde os interlocutores – no caso professores e alunos – interagem entre si, buscando compreender e/ou criar as coisas do mundo.

Para que essa construção de saberes ocorra efetivamente alguns fatores devem ser considerados pelo educador durante o planejamento da aula, como: o número de alunos participantes na aula; o conhecimento prévio desses alunos sobre a temática trabalhada; o tempo de duração da aula; os objetivos educacionais a serem alcançados com a aula; a heterogeneidade do grupo de alunos – idade, sexo, série, condição social, etc. –, ou seja, as diferenças entre sujeitos da situação de comunicação. Diferenças que vão aparecer no momento da discussão, ou das intervenções dos alunos ao discurso do professor, ou ainda, de seus colegas. Essas intervenções apontam a visão de mundo e os conhecimentos trazidos pelos alunos para a escola; e também como o professor pode explorar e/ou aperfeiçoar as

habilidades desses alunos.

Sendo, assim, é essencial que o professor obtenha um perfil do grupo com o qual trabalhará com a finalidade de alcançar os objetivos traçados para sua disciplina, facilitando seu trabalho com o grupo; pois, a interação com os alunos é uma forma de auxiliar no exercício da prática docente, tornando a relação *professor-aluno* não apenas enriquecedora para ambos, mas também um importante recurso para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem na escola.

É considerando o exposto que trabalhamos com uma proposta voltada para o letramento escolar com pedagogos atuantes em duas escolas municipais de João Pessoa/PB como uma forma concreta de intervir, pedagogicamente, nas ações de linguagem desenvolvidas por esses educadores para o trabalho com o texto em sala de aula.

## **2 Letramento: uma prática social no contexto escolar**

Segundo Jung (2007), ancorada em Street (1984), as práticas de letramento são, diretamente, relacionadas com aspectos sociais e culturais; deste modo, o contexto onde o sujeito está inserido determina o gênero textual adequado para a produção. Fundamentada, em Barton (1994), essa mesma estudiosa enfatiza que o letramento define-se por aspectos culturais associados às práticas de leitura e de escrita exigidas nas situações de comunicação humana.

Nesta dimensão, a concepção de letramento deve considerar a pluralidade da linguagem humana, e, portanto, a variedade linguística que circula nas diferentes esferas sociais. É neste sentido que Pietri (2007, p. 12) afirma que o “nível de letramento é determinante para o sucesso ou não da relação do aluno com o texto na escola”. Assim, o educador deve considerar o nível de letramento dos alunos para obter sucesso no processo de ensino-aprendizagem. Considerando, que há alunos oriundos de variados grupos sociais no contexto escolar, tendo, portanto, referenciais diferentes de língua, texto, etc., o professor dever ampliar o nível de letramento desses sujeitos por meio de seus conhecimentos prévios.

Deste modo, a escolha dos gêneros textuais a serem trabalhados na aula exige que o professor conheça quem é seu aluno. Assim sendo, o ideal seria pré-selecionar possíveis textos e/ou temáticas interessantes para um determinado grau de escolaridade, ou área de conhecimento sem restringir os gêneros textuais a serem trabalhados em sala de aula. Para Bagno (2002), o ensino de língua a partir do letramento escolar deve possibilitar o desenvolvimento de um conjunto de habilidades de leitura e de escrita, como seleção de

vocabulário, de composição e de texto, etc., possibilitando que o aluno amplie seu grau de letramento e, simultaneamente, torne-se autônomo e criativo no que diz respeito a produção de textos orais e escritos.

Daí, os educadores precisam oferecer condições para o letramento, para o desenvolvimento cada vez mais intenso e extenso das habilidades de ler e de escrever. Para tanto, ele não deve restringir as aulas de língua materna ao estudo da gramática com a decoreba de normas e aplicações mecânicas de exercícios classificatórios; mas sim proporcionar o contato com a heterogeneidade discursiva a partir das quais estudará a gramática, a estrutura, o uso, entre outros aspectos inerentes a produção de textos na sociedade propiciando o letramento escolar.

Considerar os graus de letramento do aluno, a heterogeneidade de textos e suas características, aliada a interação entre *professor-aluno* na aula é uma forma concreta de propiciar as condições necessárias para o letramento escolar a partir de uma abordagem sociointeracional. É relevante destacar que não basta disponibilizar, ou ainda, solicitar as atividades com gêneros textuais variados; mas sim é fundamental que o professor organize essas atividades a partir de sequências didáticas – atividades sequenciadas – que propiciem a apreensão da leitura e da escrita pelo aluno.

### **3 A metodologia aplicada para o letramento no contexto escolar**

Ao tratar da metodologia aplicada com os pedagogos é necessário explicitarmos a respeito de outro conceito importante para desenvolver a intervenção pedagógica, no caso, a noção de escrita; pois, estamos trabalhando com o processo de letramento visando o melhoramento da produção de textos pelos alunos.

Para Saveli (2007 *apud.* BAGNO, 2007), a *escrita* é considerada “um meio de construir um ponto de vista, uma visão particular do mundo, de encaixar cada fato num conjunto, de estabelecer um sistema, de dar um sentido às coisas”. Por essa concepção de escrita, a leitura é entendida como aquilo que vai à procura do ponto de vista do outro, ou seja, como uma capacidade que leva o leitor a questionar, a confrontar, a selecionar informações para a produção textual.

Retomando a discussão sobre a concepção de linguagem adotada pelo professor, podemos afirmar que a noção de leitor e de autor (ou escritor) é consequência da compreensão que temos de escrita, uma vez que aceitar a escrita como um instrumento de pensamento exige compreendê-la em relação a seu *uso e função social* (SILVA, 2012). Ademais, é

necessário o educador compreender a leitura e a escrita não só como algo conceitual e normativo, mas também com algo lúdico e criativo. Porque os atos de ler e de escrever vão além das capacidades de decodificar, discutir e estudar; esses atos estão associados a criar significados não apenas para os textos, mas também para o próprio mundo, ampliando os conhecimentos dos alunos e, deste modo, favorecer a construção de novos textos.

Nesta óptica, a oficina pedagógica ofereceu aos pedagogos as condições necessárias para a reflexão de noções intrínsecas ao *fazer pedagógico*; e, somente, após propomos atividades para o letramento escolar, trabalhando com diferentes formas de interação e de gêneros textuais. Para ilustrar o trabalho realizado na intervenção pedagógica com os educadores, descreveremos a proposta de trabalho com o gênero textual *cordel*. O cordel escolhido supôs a faixa etária dos alunos atendidos pelas escolas objeto de investigação da pesquisa-ação, e também os conteúdos trabalhados em língua portuguesa no ensino fundamental.

### O texto lido na sala de aula

#### A gramática em cordel

(Zé Maria de Fortaleza)

O nosso lindo alfabeto  
Oferece aos estudantes  
As suas vinte e três letras,  
Bem claras e importantes.  
São elas: cinco vogais  
E dezoito consoantes.  
Das vogais às consoantes  
Quero, umas a uma explicar:  
As letras trazem fonemas-  
E pra mais claro ficar,  
Os fonemas são os sons-  
Que usamos pra falar.  
Sobre as sílabas, vou falar.  
Num correto português  
É uma letra ou um grupo  
De letra duas ou três  
Com tanto que nossa língua  
As pronuncie de uma vez.  
Vocábulo no português:  
Nós temos os monossílabos  
Dissílabos (os de duas sílabas),  
Os de três sílabas, trissílabos.  
E os de mais de três sílabas  
São chamados de polissílabos. [...]

Fonte: <http://site1379950108.provisorio.ws/index.php/educacao/nacional/2135-a-gramatica-em-cordel-ze-maria-de-fortaleza>

O método empregado para trabalhar a produção de textos a partir do cordel

“*Agramática em cordel*” seguiu os procedimentos didáticos: 1) Lemos o cordel com os participantes da oficina, observando o ritmo, a composição, o tema; 2) Comentamos o conteúdo temático motivando o debate em torno da gramática da língua portuguesa; 3) Relemos o cordel, levantando novos aspectos para a discussão; 4) Levamos um tema para a produção textual; 5) Sugerimos que o tema fosse trabalho a partir do estilo do cordel motivando a escrita criativa; 6) Utilizamos recortes de revistas e lápis de cores para ilustrar a produção textual favorecendo o aspecto lúdico da atividade; 7) Apresentamos oralmente a produção textual dos participantes para o grupo; 8) Selecionando um aspecto gramatical para ser “corrigido”, sendo trabalhada a gramática de forma moderada; 9) Trocamos os textos entre os participantes para realizar a correção gramatical e textual, propiciando a avaliação colaborativa.

Nesta atividade, os pedagogos elegeram separadamente aspectos gramaticais para avaliar como, por exemplo, a grafia, a acentuação, a concordância, a sintaxe, etc. Esclarecemos que não se deve corrigir mais de um aspecto gramatical em cada texto, ou mesmo, aula evitando, assim, possíveis bloqueios do aluno em relação à produção textual. Obtivemos dois textos como produtos da oficina pedagógica porque optamos pelos pedagogos trabalharem em dois grupos, tendo três participantes em cada. A atividade durou uma hora e trinta minutos com a finalidade de desenvolver a escrita colaborativa.

Os relatos dos pedagogos após a realização da oficina foram satisfatórios. Eles julgaram os materiais acessíveis às escolas, aprovaram o tempo dedicado às atividades e sentiram-se desafiados com a proposta da pesquisadora. Quanto à parte do conteúdo trabalhado os educadores avaliaram a oficina pedagógica como criativa e dinâmica, enfatizando que o aluno poderá estudar a língua de forma lúdica, interativa e colaborativa. Deste modo, a intervenção pedagógica propiciou os pedagogos refletirem a importância de desafiar a si mesmos no que diz respeito ao fazer pedagógico para o favorecimento do ensino-aprendizagem.

Quanto à intervenção pedagógica, avaliamos como a maior contribuir a conscientização dos educadores em relação à influência das concepções epistemológicas na prática docente, e por sua vez, para o aprendizado do aluno. Essa conscientização permitirá que esses educadores realizem mudanças significativas em sala de aula.

### **3 Considerações Finais**

Adotar uma abordagem sociointeracionista da linguagem para trabalhar com o



letramento é oferecer ao aluno condições de ampliar seus conhecimentos sobre a língua materna, a produção de texto e o próprio mundo. Acreditamos que uma mudança epistemológica por parte do educador, considerando a interação com o aluno para o letramento escolar reduzirá a evasão e o fracasso escolar; e, deste jeito, tornará as aulas mais dinâmicas, motivadoras, criativas sem perde de vista o ensino normativo por meio da gramática. Neste aspecto, trabalhar com uma proposta sociointeracionista é oferecer ao professor e ao aluno uma forma concreta de atuar no contexto escolar e, conseqüentemente, na sociedade.

Destacamos que o objetivo da intervenção pedagógica consistiu em propiciar um momento de reflexão para os pedagogos no tocante ao ensino língua em duas escolas municipais de João Pessoa/PB. Como resultados da oficina, a aplicação desta proposta metodológica pelos pedagogos, nas duas escolas acompanhadas pelo projeto de pesquisa, produziu cento e cinquenta e nove conteúdos e/ou produções de professores e de alunos. Sendo, esses conteúdos e produções disponibilizados no ambiente virtual de aprendizagem Edulivre pelo pesquisador doutor Leônidas Leão Borges.

Deste modo, a pesquisa-ação oportunizou uma mudança concreta nas escolas acompanhadas pelo projeto, unindo saberes teóricos e práticos em benefício de um ensino de qualidade em escolas públicas de João Pessoa/PB; e, além disto, ocasionou resultados positivos de uma parceria entre universidade e escola com a pesquisa aplicada em salas de aulas da educação básica.

Quanto ao papel desempenhado pela professora pesquisadora como especialista responsável pela intervenção pedagógica, podemos afirmar que essa experiência foi desafiadora e enriquecedora. Porque permitiu refletir, planejar e executar ações para mudar uma situação concreta de ensino-aprendizagem. Além disto, a experiência colocou uma especialista em ensino de língua portuguesa como colaboradora de uma pesquisa aplicada em educação unindo saberes teóricos, metodológicos e pedagógicos a favor do ensino e da pesquisa.

Esperamos que esta discussão contribua para que outros pesquisadores e educadores reflitam quanto suas práticas e busquem parcerias para instaurar “novas” maneiras de trabalhar com seus alunos na educação básica; construindo, assim, uma ponte entre universidade e escola através do trabalho colaborativo para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem no contexto escolar.

## Referências

- BAKHTIN, Mikhail. (Volochínov). [1929]. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 13ª ed. São Paulo: HUCITEC, 2010.
- BAGNO, Marcos. **Língua materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- BAGNO, Marcos [etal]. **Práticas de letramento no ensino: leitura, escrita e discurso: / Djane Antonucci Correia (org.)**. São Paulo: Parábola; Ponta Grossa, PR: UEPG, 2007.
- BARTOS, D. Literacy – an Introduction to the Ecology of Writtern Language. Oxford: Elackweel, 1994.
- BORGES, Leônidas Leão. **Múltiplas inteligências, criação e interatividade no ambiente virtual de aprendizagem Edulivre/ Leônidas Leão Borges**. - - João Pessoa: [s.n.], 2010. 221 f. : il. Tese (Doutorado) – UFPB/CE.
- BRAIT, Beth. O processo interacional In: PRETI, Dino. (org.) **Análise de textos orais**. São Paulo: FFLC/USP, 1993 (Projetos Paralelos: v.1).
- JUNG, Neiva Marie. Letramento: uma concepção de leitura e escrita como prática social. In: BAGNO, Marcos [etal]. **Práticas de letramento no ensino: leitura, escrita e discurso: / Djane Antonucci Correia (org.)**. São Paulo: Parábola; Ponta Grossa, PR: UEPG, 2007.
- PIETRI, Émerson de. **Práticas de leitura e elementos para a atuação docente**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- SILVA, T. C. G.. Letramento e Formação docente: uma experiência pedagógica com o ensino de língua. In: XXIV Jornada Nacional do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste, 2012, Natal. Cadernos de resumos e programação da XXIV Jornada do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste. Natal: EDUFRN, 2012. p. 306-306.
- STREET, B. V. Literacy in Theory and Pratrice. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.